

ARTIGO

NEOLOGIA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* E SUA TRADUÇÃO PARA O ALEMÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA CORRESPONDÊNCIA ENTRE AUTOR E TRADUTOR

Beatriz Terreri Stervid

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

beatrizstervid@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i1>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo uma breve análise do processo de tradução dos neologismos da obra *Grande Sertão: Veredas* para o alemão. Através da análise da correspondência entre o autor Guimarães Rosa e o tradutor Meyer-Clason, pretende-se investigar os fatores que atuaram no processo tradutório, assim como a posição do tradutor e do autor quanto à tradução desse aspecto da obra. Verifica-se que, acima das questões ligadas às possibilidades da língua de chegada, estão preocupações com a recepção da tradução na Alemanha.

Palavras-chave: *Processo tradutório, neologismos, correspondência, Guimarães Rosa, Curt Meyer-Clason.*

NEOLOGY IN *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* AND ITS GERMAN TRANSLATION: CONSIDERATIONS ON THE CORRESPONDENCE BETWEEN AUTHOR AND TRANSLATOR

ABSTRACT: This article aims to present a brief analysis of the translation process of the neologisms of *Grande Sertão: Veredas* into German. Through the analysis of the correspondence between the author Guimarães Rosa and the translator Meyer-Clason, we intend to investigate the factors which are involved in the translation process, as well as the position of the translator and the author regarding the translation of this aspect of the work. It is noted that, above questions related to the possibilities of the target language, there are concerns about the reception of the translation in Germany.

Keywords: *Translation process, neologisms, correspondence, Guimarães Rosa, Curt Meyer-Clason.*

Introdução

Um dos grandes desafios presentes na tradução literária consiste do trato aos aspectos inventivos da linguagem, em geral própria do estilo do autor e, portanto, desviante da norma padrão da língua. No romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, a linguagem empregada pelo autor é marcada principalmente pelos inúmeros neologismos. A análise da correspondência entre autor e tradutores nos revela que a recriação desse aspecto na tradução foi, de fato, uma questão central do processo tradutório.

Em resposta à pergunta, feita em uma entrevista, sobre qual teria sido o maior desafio enfrentado na tradução da obra, o tradutor alemão Curt Meyer-Clason, afirma:

Desafio número um: recriação dos numerosos neologismos roseanos. Às vezes realizável, às vezes irrealizável. (...) A prática comprovou que parte das invenções do Autor mineiro deixaram-se imitar, repetir na minha língua, em forma convincente, outra parte ficou sem solução satisfatória, para não provocar a irritação do leitor alemão que demonstraria resistência contra palavras não contidas no seu vocabulário (MEYER-CLASON in ROSA, 2003, p. 48).

Na fala do tradutor, fica evidente que a dificuldade está não somente nas possibilidades de criação de neologismos na língua de chegada, mas principalmente na criação de neologismos que não provocariam a “irritação do leitor alemão”, ou seja, na utilização de uma linguagem viável, compatível com as possibilidades da recepção. Assim, um aspecto importante e frequentemente ignorado na análise das traduções diz respeito ao contexto de recepção, entendido hoje, graças às contribuições das vertentes funcionais e sistêmicas dos Estudos da Tradução, como o principal orientador do processo tradutório.

De forma a compreender melhor os fatores que influenciaram o processo de tradução de *Grande Sertão: Veredas* para o alemão, este artigo tem como objetivo uma breve discussão sobre aspectos presentes na correspondência entre Guimarães Rosa e o tradutor Curt Meyer-Clason, em relação ao aspecto inventivo da linguagem da obra e sua tradução, mais especificamente dos neologismos.

Por tratar-se de uma análise que visa à compreensão do contexto do texto traduzido, adotamos os pressupostos oriundos dos Estudos Descritivos da

Tradução, abordagem que tem como principal objetivo o estudo empírico da tradução como fenômeno cultural, voltado para a investigação da tradução em seu contexto de produção e recepção. Nessa vertente, que surgiu no início dos anos 70 em oposição às abordagens prescritivas, o foco de análise se encontra no texto e no contexto de chegada, ao contrário das abordagens que têm como orientação o texto de partida (HERMANS, 1999, p. 7).

Portanto, temos em vista uma compreensão geral das particularidades do contexto de recepção e do processo de tradução de *Grande Sertão: Veredas* para o alemão. Assim, após uma breve exposição de alguns aspectos da linguagem roseana concernentes aos neologismos, pretende-se fazer, através da leitura das cartas entre autor e tradutor, uma investigação dos aspectos ligados ao processo tradutório e à recepção da obra na Alemanha, bem como da posição do tradutor e do autor frente a esse desafio da tradução literária.

Neologia em *Grande Sertão: Veredas*

A fim de que possamos melhor compreender os aspectos na correspondência ligados à neologia na obra, assim como as possíveis dificuldades que o tradutor encontra no processo tradutório, faz-se necessário o entendimento de alguns pontos relevantes concernentes a esse aspecto de sua linguagem.

Uma provável dificuldade de tradução presente em *Grande Sertão: Veredas* consiste na identificação do que seria material linguístico extraído do discurso sertanejo e o que seria criação poética. Apesar da forte presença de elementos do sertão mineiro em sua linguagem, as palavras que o autor teria coletado da fala sertaneja se misturam com aquelas criadas pelo autor. Assim, é difícil de delimitar a fronteira entre regionalismos e neologismos, porquanto o autor se vale de processos de formação de novas palavras, bem como sufixos e prefixos específicos, comumente utilizados na fala sertaneja. Um exemplo disso é o grande número de vocábulos que possuem o prefixo “tres”, usado para dar ênfase e intensidade (tresbulício, tresbuscar, trescomprido, tresenorme, tresfim, tresfuriar, tresincondigno, treslouco, trêsmente, tresmudar-se, etc.), cuja classificação em

neologismo ou regionalismo nem sempre é óbvia, visto que foram formados por um processo morfológico empregado na linguagem popular.

Outro aspecto da linguagem da obra são os vocábulos arcaizantes, que por um lado revelam a erudição do autor, mas por outro remetem a uma peculiaridade da variante sertaneja, que, distante dos centros urbanos e da cultura letrada, tende a manter vocábulos e formas gramaticais já em desuso na língua padrão. Porém, o autor não se limita à inserção desses vocábulos, mas, se valendo do princípio que se encontra por de trás de sua utilização, coloca novamente em uso palavras obsoletas (“lazarar-se”: sofrer, penar), cria novos paradigmas verbais (“deciso”, ao invés de “decidido”, recuperando a forma irregular derivada do latim “decisu-”), ou até mesmo emprega palavras comuns da língua padrão em um sentido arcaizante (“traduzir” com o sentido de “atravessar, conduzir além”, como na raiz latina “traducere”). (Cf. MARTINS, 2001, p. 297, 150, 495).

Deste modo, é possível perceber na análise do léxico da linguagem roseana um constante esforço em explorar ao máximo as potencialidades de significação da língua. Tendo isto em vista, a neologia se faz fundamental (COUTINHO, 1983), pois, ao recriar os significantes das palavras, seus sentidos são intensificados e suas possibilidades de significação se tornam patentes. Desta forma, ao criar o vocábulo “sozinhozinho”, através do processo de afixação do morfema “zinho”, o autor recupera o significado originário da palavra “sozinho”, apontando para a sua formação (só + zinho) e se servindo “do mesmo processo que acreditava tivesse sido utilizado um dia” (COUTINHO, 1983, p. 204). Algo parecido ocorre com “coraçõemente”, usado no lugar de “cordialmente”:

“Coraçõemente” ficou mais concreto, direto, quente e imediato que “cordialmente” - isto em português, porque, quando usamos “cordialmente”, nem se recorda mais o radical latino; hoje, “cordialmente” é termo de emprego banal, superficial, convencional. (ROSA, 2003, p. 413).

Muitos neologismos criados pelo autor são formados através da fusão de dois ou mais vocábulos, as chamadas “palavras-valise”, como a palavra “estremecitar”, formada a partir do verbo “estremecer” e “excitar”: “Mas os dedos se estremecitavam esfiapado, sacudindo, curvos, que eu tocasse sanfona” (ROSA, 2001, p. 605). Outros exemplos disso são as palavras “geringonciável” (gerir,



engonço [ou geringonça] + negociar + ável) e “truvisco” (p. 557) (trovão + chuvisco).

Questões ligadas à tradução dos neologismos são discutidas em vários momentos da correspondência entre Guimarães Rosa e o tradutor Meyer-Clason. Através desse diálogo, o tradutor tira dúvidas em relação aos significados dos vocábulos e pode, além disso, receber do autor opiniões acerca de suas soluções de tradução.

Apesar de, como vimos, nem sempre ser possível distinguir os elementos criados pelo autor daqueles próprios da variante sertaneja, essa distinção é feita em alguns momentos da correspondência, principalmente naqueles em que o autor dá explicações e definições dos vocábulos ao tradutor. Assim, com o intuito de melhor delimitar nosso foco de análise, consideraremos os trechos da correspondência nos quais emergem questões mais propriamente ligadas às invenções linguísticas, sem menção direta a uma variante regional.

O diálogo entre tradutor e autor

Devido aos negócios da família, Curt Meyer-Clason muda-se para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, onde permanece entre os anos de 1937 e 1954. Durante esse período, ele aprende o português e se aproxima da cultura brasileira. Foi somente, entretanto, após seu retorno à Alemanha que Meyer-Clason decide mudar os rumos de sua carreira profissional, atuando como revisor e tradutor. Traduziu obras de diversos autores brasileiros, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, entre outros.

Seu primeiro contato com a obra de Guimarães Rosa deu-se após conversa com o cônsul brasileiro Frank Henri Mesquita de Teixeira, em Munique, no ano de 1958, como revela o tradutor em uma entrevista (Cf. ROSA, 2003, p. 46). Clason então, por recomendação de Teixeira, escreve a primeira carta a Guimarães Rosa em 1958, lhe pedindo permissão para traduzir *Grande Sertão: Veredas*, cuja primeira edição havia ocorrido havia dois anos. Um ano depois, o autor envia exemplares de alguns livros seus, e posteriormente uma carta, na qual demonstra

seu entusiasmo pela tradução e publicação em alemão. Esse foi o começo da longa relação entre autor e tradutor, através de uma correspondência que durou quase dez anos.

Após a decisão em iniciar a tradução em versão alemã da obra de Guimarães Rosa pelo romance *Grande Sertão: Veredas* e após o acerto com a editora *Kiepenheuer und Witsch*, autor e tradutor se empenham na elaboração de sua tradução através do diálogo pela correspondência, num processo que dura por volta de seis anos. Além de *Grande Sertão: Veredas*, foram traduzidas também as obras *Corpo de Baile*, *Primeiras estórias* e *Sagarana*.

Guimarães Rosa, tendo trabalhado como diplomata em Hamburgo, na Alemanha, conhecia bem a língua alemã, o que lhe permitiu acompanhar o processo de tradução. Seu interesse pelas questões concernentes à tradução e ao ato tradutório, assim como sua vontade de ter sua obra divulgada no exterior, como podemos verificar nas cartas aos tradutores, levou-o a participar ativamente desse processo.

A correspondência de Rosa com o tradutor alemão foi organizada por Maria Aparecida Bussolotti e apresentada como dissertação de mestrado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Universidade de São Paulo) em 1997 e foi posteriormente publicada pela Editora Nova Fronteira, em 2003, juntamente com as traduções das cartas feitas por Erlon José Pascoal, as quais serão utilizadas nas citações. Graças a esse trabalho de organização e publicação podemos hoje ter acesso a valiosas informações acerca do processo de tradução, a posição tradutória do tradutor, as opiniões e expectativas de Guimarães Rosa, assim como elucidaciones sobre o significado e origem de termos específicos.

As expectativas iniciais de Guimarães Rosa quanto à publicação em alemão

Guimarães Rosa era conhecedor de diversas línguas e tinha, sobretudo, uma estreita relação com a língua e cultura alemã, que conhecia profundamente, pela sua experiência no país e também através dos livros, como leitor e admirador da literatura alemã. Em um interessante depoimento no qual relata suas impressões sobre a vida e figura de seu pai, Vilma Guimarães Rosa observa, ao tratar da

ocasião da designação de Guimarães Rosa ao cargo no consulado de Hamburgo, na Alemanha: “[...] meu pai teria finalmente um contato direto com a cultura alemã, que tanto seduzia: Hoffmann, Heine, Schiller, Goethe, Rilke, Kafka e outros mais. Todos o haviam muito cedo fascinado” (ROSA, Vilma, 2009, p. 314).

Também Meyer-Clason, em seu artigo *Guimarães Rosa e língua alemã*, comenta sobre a relação do autor com a língua, citando um trecho de um texto que Guimarães Rosa havia escrito para uma revista, intitulado *O Reno e o Urucuia*: “Lá, em Minas Gerais, quando com nove anos de idade, muito espantei os meus, ao comprar, por mim mesmo, uma gramática alemã, para estudá-la, sozinho, sentado à beira da calçada, nos intervalos de jogar, com outros meninos, *Football* de rua”.. O relato do autor sobre suas memórias de infância revela que desde muito cedo Rosa se interessava pela língua alemã. Mas adiante salienta: “Do que, depois, querer estudar medicina também em livros alemães, aproximar-me de Schiller, Heine, Goethe, e namorar, de preferência, as louras moças de origem alemã” (ROSA in MEYER-CLASON, 1969, p. 49).

Podemos encontrar na própria linguagem roseana influência desse contato do autor com a língua alemã. Algumas palavras de *Grande Sertão: Veredas* derivam da experiência que o autor teve na Alemanha, como por exemplo “soposo”, da palavra alemã “suppig” (que significa, por sua vez, “como uma sopa”), adjetivo que, segundo o tradutor, foi “apanhado pelo Cônsul Rosa nas ruas novembrescas de Hamburgo, quando neblina, chuvisco e talvez uns flocos de neve prematuros tornam a atmosfera geral *soposa*” (MEYER-CLASON, 1969, p. 54).

Em carta ao tradutor, datada de 23 de março de 1966, Guimarães Rosa revela mais uma de suas apropriações de elementos da língua alemã, que ele chama de “tradução do alemão para o português”: “quando escrevi aquilo (“me atravessa”) foi justamente sob influência dessa expressão alemã, que eu ouvira muito em Hamburgo (“Komm mir nicht in die Quere!”), e que sempre achei muito deliciosa” (ROSA, 2003, p. 311).

Desta forma, quando Mayer-Clason lhe escreve uma carta demonstrando interesse em traduzir *Grande Sertão: Veredas* para o alemão, Guimarães Rosa revela em sua resposta um grande entusiasmo por essa possibilidade, o qual reitera ao longo da correspondência:



A tradução e a publicação em alemão me entusiasma, por sua alta significação cultural, e porque julgo esse idioma o mais apto a captar e refletir todas as nuances da língua e do pensamento em que tentei vazar os meus livros. Assim, desde já lhe sou grato, pelo simpático e sério interesse demonstrado (ROSA, 2003, p. 70).

Em uma carta posterior, Guimarães Rosa mostra não só sua confiança nas possibilidades da língua alemã, mas também na própria tradução de Meyer-Clason: "(...) a língua alemã permitirá, seguramente, versão mais bela e completa, cingindo muito mais estreitamente o texto original, e assim não duvido de que suas traduções vão ser as primeiras, as mais vivas." (ROSA, 2003, p. 95). Assim, como revela em outras cartas, o autor acreditava que a tradução de Curt Meyer-Clason seria a "tradução-mãe, básica e orientadora" (p. 164) para as futuras traduções de *Grande Sertão: Veredas*.

As reflexões sobre neologia e tradução através da correspondência

Através da correspondência, o tradutor pôde tirar dúvidas em relação ao texto de partida, muitas das quais dizem respeito aos neologismos criados pelo autor. No trecho seguinte, extraído da carta datada do dia 14 de fevereiro de 1966, Guimarães Rosa esclarece, a pedido de Meyer-Clason, alguns termos:

4- S. 28 [44] — tresmente. Penso que é o "cruzamento" ou superposição de "entrementes" com o prefixo tres..., de reforço, ou designativo de intensidade. Creio que o melhor será traduzir por: Entrementes principalmente, ...etc.

5- " 123 [145] — contra-fim. Do fim para o princípio?

6- " 192 [218] — A arga: Das Arge + der Aerger.

7- " 231 [260] — Aos dava. (Frasezinha interjectiva de sertanejo.)
Suponho que com uma elisão: Aos demônios ele se dava! (ROSA, 2003, p. 169).

As explicações dadas pelo autor revelam os processos de criação de novos vocábulos, como a palavra "arga", formada através da junção de duas palavras alemãs, "das Arge" (o mau) e "der Ärger" (o desgosto, a irritação). Em outros casos, como na explicação para expressão "aos dava", o autor aponta para a origem e significado da palavra ou expressão, ficando evidente o uso do material linguístico extraído do sertão.

Outro importante auxílio que Guimarães Rosa dá ao tradutor em sua correspondência é a de apontar boas e más soluções e, eventualmente, dar até mesmo sugestões em relação a termos específicos, sempre deixando claro, porém, que cabe ao tradutor decidir qual solução é a mais adequada:

Quanto à tradução da mesma [*maximé*], por “prima”, não é má. Mas talvez coubesse, melhor ainda, uma destas: *ueberhauptens ueberhaupter ueberhauptest* (naturalmente *sublinhada*); ou, mesmo, o simples *maxime* latino, também em grifo. Que acha? Mania minha, de inventar e colaborar, fantasiosos produtos do bestunto (ROSA, 2003, p. 185).

Para a tradução do termo “maximé”, o tradutor havia optado pela palavra “prima” (lit., “ótimo, excelente”), interjeição comum da língua alemã. As sugestões dadas pelo autor, criadas a partir de variações da palavra alemã “überhaupt” (que pode significar, por sua vez, “absolutamente” ou “aliás”) demonstram a importância que o autor dava às invenções linguísticas.

Além disso, Guimarães Rosa explica em outra carta a Meyer-Clason como alguns dos nomes de personagens em *Grande Sertão: Veredas* forma criados: “Rosa-uarda = nome misto, composto. Porque *uârd* é ‘rosa’, mesmo, em árabe” (2003, p. 167). Algumas das sugestões feitas pelo autor indicam que também a tradução pode recriar os termos de maneira a conter o hibridismo da linguagem do texto-fonte: “Às vezes, mesmo, tanto para nomes de pessoas como de lugares, quando compostos, ganhariam em interesse e sugestão pitoresca para o leitor, quando ‘semi-traduzidos’, mistos, traduzida uma parte do nome e deixada a outra como no original” (2003, p. 166). Exemplos dados são os nomes “Marcelino Pampa” (como explica o autor: “pampa = cor de cavalo pintado, malhado”) e “Urutu Branco”.

Como forma de colaborar com o tradutor, o autor procura, ao longo da correspondência, deixar claro suas intenções artísticas, como podemos verificar no seguinte trecho:

(...) essa brusca mudança guarda analogia com as “pontuações” da música moderna. (E o GRANDE SERTÃO: VEREDAS, como muito bem viu o maior crítico literário brasileiro, Antonio Candido, obedece, *em sua estrutura*, a um rigor de desenvolvimento musical...) (...) o livro é tanto um romance, quanto um poema grande, também. É poesia (ou pretende ser, pelo menos) (ROSA, 2003, p. 115).

Em diversas partes da correspondência, Guimarães Rosa deixa transparecer suas intenções artísticas e reitera a importância de se considerar o caráter poético de sua obra. Quanto a isso, Meyer-Clason afirma em uma carta: “nada é mais importante para o tradutor que uma indicação do autor que toca o cerne de sua obra” (MEYER-CLASON, 2003, p. 148). Assim, as observações do autor na correspondência com o tradutor puderam servir de guia para este, de forma a estar a par das intenções do autor para estabelecer sua própria posição tradutória.

Em carta do dia 22 de Janeiro de 1964, poucos meses antes da publicação da tradução de *Grande sertão: veredas*, Meyer-Clason faz algumas observações sobre sua tradução, expondo e justificando as diretrizes adotadas. Ao expor suas intenções e ressaltar o que foi e não foi possível realizar, o tradutor procura convencer o autor da qualidade de sua tradução e da inevitabilidade das simplificações da linguagem. Inicialmente, Meyer-Clason afirma ter escolhido o *hochdeutsch* (alto-alemão, variante padrão da língua alemã) e justifica:

Na Alemanha não há Sertão, não há Nordeste e não conhecemos a fala do matuto. Seria um equívoco qualquer analogia, ou então tentar traduzir, projetar num dialeto de qualquer região rural da Alemanha o linguajar infantil, o enlevo lúdico, a mistura inconfundível de familiaridade e desconfiança, de melancolia e arbitrariedade. (MEYER-CLASON, 2003, p. 147).

Assim, o tradutor afirma ter optado por não fazer uso de dialetos existentes na Alemanha e, em seguida, acrescenta: “Riobaldo fala uma língua artificial, um idioma livremente inventado pela pena deste seu criado” (MEYER-CLASON, 2003, p. 147). Logo, pode-se deduzir que o tradutor pretendeu utilizar a variante padrão da língua alemã como base, para então inserir neologismos ou estrangeirismos.

Meyer-Clason comenta em seu artigo *Guimarães Rosa e língua alemã* sobre as peculiaridades da língua alemã e cita um caso específico de tradução que só foi possível ser resolvido graças à “capacidade da língua alemã para formar neologismos, imagens sintéticas, substantivos compostos” (MEYER-CLASON, 1969, p. 48). Trata-se da tradução do vocábulo “coraçãomente”, sobre o qual Guimarães Rosa comenta na correspondência, apontando para a necessidade de reforçar o significado de “coração”, já que em português esse neologismo remeteria ao advérbio “cordialmente”:



Naturalmente, em alemão ('herzlich') a coisa é diferente, não sei. Mas em alemão possa ser reforçado: *mitherzlich? herzherrlich? herzherzlich? herzundherzlich? herzweislich?* Teremos de achar algo de impacto maior, os corações aparecendo descobertos e vermelhos, quase anatomicamente, como os Sagrados Corações de Christo e da Virgem (ROSA, 2003, p. 413).

Esse vocábulo foi traduzido por “Herzblut” (*Herz-* coração + *Blut-* sangue), solução que consiste em um substantivo composto, porém não propriamente em um neologismo. O tradutor optou por dar enfoque na imagem citada pelo autor, de modo a “acompanhar a consonância do original”:

A dificuldade do advérbio novo, inimitável na minha língua, contornei pelo substantivo 'Herzblut'- 'sangue do coração', conjugado semântica e acusticamente a 'Gedanken, Gedankengut, weisse Glut a fim de acompanhar a consonância do original: 'coraçãomente: pensamento, pensamor. Alvor' (MEYER-CLASON, 1969, p. 48).

Assim, a sonoridade parece ser um elemento que o tradutor procurou valorizar em sua tradução, já que a solução de tradução para esse vocábulo indica uma preocupação com essa característica da obra. Em diversos momentos da correspondência ele afirma ter priorizado o som e ritmo da frase: “a minha língua (...) é mais fonética, portanto, musicalmente fundamentada, que visual, plástica, (...) se minha versão — apesar de muitas falhas — tem méritos, estes poderão ser reconhecidos sobretudo mediante uma leitura em voz alta” (2003, p.151).

Na correspondência, o tradutor cita outras de suas soluções para os neologismos, como, por exemplo, o neologismo “Weisswasser” (*Weiss-* branco + *Wasser-* água), para “claráguas” (2003, p.154), solução posteriormente elogiada pelo autor. Outra solução diz respeito à tradução de “belimbeza”, que, segundo consta no *Léxico de Guimarães Rosa* (MARTINS, 2001, p. 68), é formado com o redobro do radical *bel-*. A tradução apontada por Meyer-Clason, “Gipfel der Herrlichkeit” (lit. cume da grandiosidade), é citada por ele como “exemplo de um fracasso”: “Tive de me esforçar porque não me ocorria nada. Resultado, uma solução forçada e ‘literária’: *‘butiti, lichtet Grün, schlank und schmuck. Gipfel der Herrlichkeiten!’* (ROSA, 2003, p.156).

Ainda na mesma carta, Meyer-Clason afirma que na tradução foi necessário “compensar vitórias e derrotas”, ou seja, compensar soluções não tão boas com

outras melhores, em outros trechos. Assim, ele aponta para a necessidade de pensar no conjunto, ao invés de se concentrar nas partes mínimas da tradução: “(...) tenho de pensar sempre no todo e jamais sempre na frase considerada no momento. Por este motivo, minha tradução deveria ser avaliada em bloco, da primeira à última frase composta por duzentas mil palavras, e não com base em amostragens (...)” (2003, p. 153).

Do mesmo modo, o tradutor comenta sobre a impossibilidade de se traduzir o livro com ênfase nos “aspectos filológico-analíticos”, ou seja, de forma detalhista, em uma preocupação excessiva com a forma:

O Senhor acredita que eu teria sido capaz de traduzir o livro se tivesse pensado em Joyce a cada linha; se o meu impulso constante de ficar absorvido pelo “sertão” e sair do “sertão” tivesse sido empurrado para os aspectos filológico-analíticos; se o meu olhar tivesse se desviado para a barbárie calculista do linguista incompetente e do martelador de palavras? (2003, p. 149)

Meyer-Clason aponta, em seguida, para os motivos pelos quais não foi possível recriar no texto de chegada os neologismos, bem como outros aspectos da linguagem da obra, motivos ligados principalmente às intenções da editora e às expectativas dos leitores, ou seja, aos aspectos que dizem respeito à recepção da obra na Alemanha:

Se eu ousasse dar as mesmas bicicletas e gingados linguísticos e as mesmas piruetas sintáticas como Rosa, eu cairia com o traseiro no chão. Eu ganharia a “bênção” da Editora Kiepenheuer & Witsch, o escárnio dos críticos e o bocejo dos leitores. E a terceira razão: o Dr. Witsch gostaria de proporcionar aos seus leitores um texto bastante legível (2003, p. 150-151).

Desta forma, como podemos perceber nesse trecho da correspondência, o tradutor teve que levar em conta no processo tradutório não somente os aspectos estilísticos e linguísticos do texto de partida, como também as demandas da editora e as reações do público alvo. Assim, suas escolhas das soluções de tradução para os neologismos teriam sido pautadas, mais do que pelas possibilidades da língua alvo, principalmente pelas possibilidades do contexto de recepção, o que é deixado claro em diversos pontos da correspondência: “Espero que a K & W deixe passar minhas singularidades e palavras inventadas, como por exemplo, “Gemensch” ao invés de “Gesindel”, e muitas outras mais” (2003, p. 159).

Em resposta às observações de Meyer-Clason, Guimarães Rosa redige uma carta na qual expõe sua opinião sobre as diretrizes da tradução alemã. O autor mostra-se entusiasmado com o trecho apresentado pelo tradutor como uma “amostra do estilo” de sua tradução (Cf. 2003, p.160) e diz estar de acordo com as orientações do tradutor:

E alegra-me também poder dizer-lhe que concordei, com tudo. Sua orientação básica, geral, as linhas que adotou, as coordenadas de linguagem e estilo entre as quais lúcida e licitamente se moveu, parecem-me as adequadas, certas, desejáveis, quase diria: as únicas por que poderíamos segura e auspiciosamente optar (ROSA, 2003, p. 162).

Quanto aos elogios de Guimarães Rosa aos tradutores, Barbosa aponta para a necessidade de relativizá-los, visto que possuía caráter diplomático até mesmo em sua relação com eles, elogiando-os em alguns pontos e logo enviando lista de correções (BARBOSA, 2010, p.60). Apesar das expectativas de Guimarães Rosa quanto à tradução para o alemão, sua vontade em ter sua obra divulgada no exterior teria levado o autor a concordar com as diretrizes adotadas e com as exigências do editor: “(...) reconheço que Dr. Witsch está com razão. Há riscos que nem editor, nem tradutor, nem autor podem impunemente arrostar. É importante a gente visar a uma difusão mais ampla, concreta, humana, dos livros, para começar” (ROSA, 2003, p. 162).

Podemos perceber que, sendo a tradução de Meyer-Clason pioneira, a tradução que iria introduzir a obra de Guimarães Rosa nos países de língua alemã, o próprio autor reconhece que seria necessário visar uma recepção em etapas. Assim, consciente das dificuldades que o estilo de sua linguagem oferece, o autor concorda com a orientação da editora e do tradutor, mostrando compreender a necessidade de adaptação ao contexto de recepção.

Em carta anterior a esta, Guimarães Rosa mostra estar ciente das dificuldades de traduzir sua obra e afirma aceitar as “perdas” no plano da linguagem:

Eu mesmo reconheço que muitas ousadas expressionais têm de ser perdidas, em qualquer tradução. O mais importante, no livro, o verdadeiramente essencial é o conteúdo. A tentativa de reproduzir tudo, tudo, tom a tom, fáiça a fáiça, golpe a golpe, o monólogo sertanejo exacerbado, seria empreendimento gigantesco e chinesamente



minuciosíssimo, obra de árdua recriação, custosa, temerária e aleatória.
(ROSA, 2003, p. 113)

Desta forma, pode-se perceber que a questão colocada quanto à tradução dos aspectos inventivos da linguagem, principalmente dos neologismos, diz respeito, basicamente, a um enfoque na forma ou no conteúdo da obra. O autor aponta para a importância de se dar mais atenção ao conteúdo, afirmando ser ele o ponto mais essencial da obra. Porém, devemos levar em conta a extensa lista de correções, esclarecimentos e sugestões que Guimarães Rosa constantemente, e inclusive nessa carta, envia ao tradutor. Apesar de o autor reconhecer a inevitabilidade das simplificações da linguagem na tradução, suas observações, predominantemente sobre o léxico, indicam uma constante preocupação na recriação dos neologismos e outros aspectos da linguagem da obra.

A necessidade em privilegiar uma exatidão no plano do conteúdo é reiterada posteriormente. O autor sugere primeiramente procedimentos que o tradutor deveria adotar na tradução de sua obra: “O confronto com o original terá de ser feito linha por linha, palavra por palavra, vírgula por vírgula, PENSAMENTO POR PENSAMENTO”. E depois acrescenta: “Muita coisa, naturalmente, terá de perder-se, de evaporar-se, por intraduzível. Mas, que não sejam as coisas vivas, importantes. Nem coisas válidas para o leitor alemão”. (ROSA, 2003, p. 116).

Assim, tanto o autor, quanto o tradutor demonstram preocupação no estabelecimento de um texto que seja bem recebido pelos leitores alemães. Tendo isto em vista, Meyer-Clason afirma ter visado em sua tradução uma linguagem simples e que não apresentasse dificuldades ao leitor. Se a linguagem em *Grande Sertão: Veredas* está repleta de neologismos, aspectos que causam estranhamento e dificuldades na leitura, o tradutor considera sua tradução mais fácil e clara:

O seu livro é mais difícil de se ler e minha versão mais fácil. Em todo caso utilizei de todos os meios para criar uma linguagem mais fácil de se ler que não confundisse o leitor, nem o sobrecarregasse de enigmas e dificuldades, mas que o arrebatasse até a última palavra (2003, p. 150).

Considerações Finais

Com a análise da correspondência entre o autor e o tradutor alemão Curt Meyer-Clason, percebe-se que a tradução dos aspectos formais da obra envolve, na prática, questões que vão além das possibilidades da língua de chegada ou das habilidades do tradutor, entre elas questões relacionadas à recepção da obra na Alemanha. Por mais que ambos concordassem com a importância da atenção aos elementos inventivos na tradução, também enxergavam a necessidade da criação de uma tradução que seja bem recebida pelo público leitor.

Verifica-se, assim, que somente a análise dos aspectos linguísticos do texto de chegada não é suficiente para a sua compreensão, sendo também necessária uma análise voltada ao contexto de produção e de recepção. Apesar do uso de uma linguagem mais próxima da variante padrão, sem muitos desvios da norma culta, indicar um distanciamento dos aspectos estilísticos do texto de partida (que, inevitavelmente, traz consigo consequências para as possibilidades de significação da obra), pode-se perceber através da correspondência os esforços tanto do tradutor quanto do autor em criar um texto adequado à situação de recepção.

Meyer-Clason, na correspondência, demonstra seu desejo de publicar uma tradução que seja bem recebida pelo público, bem como de tornar a obra de Guimarães Rosa conhecida na Alemanha. Ao justificar ao autor a adoção de uma linguagem mais simples em sua tradução, Meyer-Clason revela que também o editor tinha suas próprias expectativas quanto à tradução de *Grande sertão: veredas*, já que tinha a intenção “de proporcionar aos leitores um texto bastante legível” (2003, p. 151). Portanto, levando em conta a posição da literatura brasileira no sistema literário alemão da época, deve-se considerar a necessidade de uma recepção em etapas, na qual a tradução de Meyer-Clason cumpre com o objetivo de introdução e divulgação da obra em contexto alemão.

Assim, muitos fatores, inclusive comerciais, afetaram o processo de tradução. As expectativas de Guimarães Rosa quanto à publicação da tradução de sua obra na Alemanha não condiziam muito, a princípio, com as expectativas do editor, pelo menos em relação ao aspecto linguístico. Em certa medida, Guimarães Rosa redefine, ao longo da colaboração com o tradutor alemão, suas expectativas

iniciais de uma tradução que recriasse os neologismos e outros aspectos linguísticos do texto de partida, aceitando uma linguagem mais simples e menos inventiva no texto de chegada, em prol da divulgação de sua obra no exterior.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fábio Luís Chiqueto. Leituras de Grande sertão: veredas: sua tradução alemã e a correspondência de Guimarães Rosa com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason. *Signótica*, vol.22, n.1, jan./jun. 2010, 12 p.

COUTINHO, Eduardo. Guimarães Rosa e o Processo de Revitalização da Linguagem. In: **Guimarães Rosa** (Fortuna Crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
HERMANS, Theo. **Translation in Systems: Descriptive and System-oriented Approaches Explained** (Series: Translation Theories Explained 7). Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O Léxico de Guimarães Rosa**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

MEYER-CLASON, Curt. João Guimarães Rosa e língua alemã. In: **Guimarães Rosa: estudos**. Lisboa: Instituto Luso-Brasileiro, 1969.

ROSA, Guimarães Rosa; MEYER-CLASON, Curt. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)**; edição, organização e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; tradução Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte, MG: Ed. Da UFMG, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Vilma Guimarães. João Guimarães Rosa, meu pai. In: CHIAPPINI, Lígia; VEJMEJKA, Marciel (org). **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Biografia da autora

Beatriz Terreri Stervid possui graduação em Letras, Habilitação Português e Alemão, pela Universidade de São Paulo (2016). Tem experiência nas áreas de tradução (alemão-português) e ensino de alemão como língua estrangeira.

Recebido em: 11/03/2018

Aceito em: 29/04/2018

Publicado em junho de 2018